



## Vinhos são como ondas, as perfeitas são as surfadas!

Paulo Vagner Ferreira Filho<sup>1</sup>

A curva do valor de qualquer coisa revela que atribuímos mais valor às coisas mais úteis e muito raras, assim, um diamante tem seu valor em função deste imenso fascínio que seu brilho provoca e porque pouca quantidade é extraída da mãe terra a cada momento.

Se, de um momento para outro, todos tivessem a lucidez de que aquilo se trata de uma simples pedra, um pedaço de carvão que, por pressão e temperatura, converteu-se num cristal, que por ser uma pedra extremamente dura é muito boa para cortar vidro e para compor as cabeças de brocas perfuratrizes, a utilidade fútil que se dá ao pedregulho se reduziria e a quantidade que se tira da natureza seria até excessiva, levando seu valor a cair drasticamente.

Obviamente, é muita ingenuidade esperar tamanha consciência coletiva sobre futilidade, as marcas e grifes são construídas e crescem sobre esta fraqueza humana, as empresas convencem seus compradores que seus produtos são preciosos porque têm o seu emblema, evidentemente, alguns aspectos qualitativos são adicionados para justificar a consciência.

Contudo, o que determina a utilidade de um produto de grife não é sua qualidade de material, mas o fato de que seu possuidor será um dos poucos privilegiados a comprar o direito de possuir a etiqueta, logo, este afortunado, em seu ego, estará se equiparando aos seus ídolos que também usufruem dos benefícios da etiqueta e, o que intimamente deseja, posicionando-se como ser humano, acima de todos os demais que não podem usufruir dos poderes daquela etiqueta.

Assim, a etiqueta busca atribuir mais utilidade às coisas frugais, que já são úteis como coisas quando se prestam ao seu uso. Um carro é útil porque leva seu dono de um lugar a outro, um ar condicionado nele o torna mais agradável em dias de calor, a direção hidráulica e câmbio automático lhe poupam esforço e aumentam seu conforto, e aquela estrela de três pontas no capô serve para dizer aos outros que seu dono é um ser humano melhor que os demais, mas serve também para dizer que seu dono será humilhado se alguém, pior se for conhecido, lhe aparecer com outro carro que tem sobre o capô dois erros (RR) sobrepostos.

Quando pensamos em vinhos, a lógica do valor também procura ser subvertida pelos produtores que buscam “criar valor” aos vinhos com suas etiquetas. Contudo, o final mais provável de uma garrafa de vinho é a goela, a não ser que se converta em vinagre, todo vinho tem sua utilidade enquanto líquido.

Os bons vinhos têm personalidade forte e, muitas vezes, não são nada dóceis (doces para

---

<sup>1</sup> Economista. Graduado pela Universidade Federal do Paraná, Mestre em Desenvolvimento Econômico pela mesma Instituição, professor das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba na disciplina de Macroeconomia. C-eletrônico: p.paulovf@gmail.com.

alguns). Aqueles que não conhecem suas propriedades tânicas, que faz a boca amarrar, quando se esnobam gastando pequenas fortunas com uma etiqueta colada a uma garrafa, amaldiçoam o sagrado líquido que não conseguem engolir, esperando que fossem “melhores”. Escolher a garrafa do vinho pelo rótulo pode ser a maior decepção de todas, principalmente, se a escolha estiver unicamente associada à expressão de superioridade, do prazer fútil de comprar uma etiqueta presa a uma garrafa.

Rótulos não são líquidos, por isso, podem até ser um guia para definir um patamar de padrão e nos informar sobre aspectos técnicos do produto, mas o que realmente importa é o que suas papilas gustativas irão perceber.

Assim, antes de discutirmos o preço do vinho, há que se considerar até que ponto o seu valor é resultado de sua qualidade de solo, tipo de uva, processo de cultivo, momento de colheita, modo de produzir o mosto e de fermentação, processo de filtração, quantidade e tipo de aditivos, tempo de envelhecimento em carvalho, método de engarrafamento, qualidade da rolha e tempo e local de descanso das garrafas.

Vinhos possuem processos de produção que lhes garantem uma qualidade material, percebida pelos olhos, pelo nariz e pela língua. Estas características físicas são únicas e valem muito mais que qualquer rótulo. Se um apreciador de vinhos encontrar, caída num canto, uma garrafa sem rótulo e, ao abri-la, perceber sua coloração rubi intensa, se o seu cheiro for uma profusão de aromas, único e inconfundível, se as suas papilas gustativas se ataçarem e sua salivação for ativada, se a sua boca se encher de uma louca vontade de beber aquele líquido, para sorver cada gota daquela garrafa e a cada novo gole que se atira à boca, uma imensa satisfação lhe reverte como prêmio pela sorte de ter achado aquela preciosidade, passada a euforia e, na ânsia de prová-la novamente, este afortunado buscará saber enfim, 'quem' era aquela garrafa?

Uma coisa que se pode aprender com os vinhos é que alguns foram feitos para beber, outros para apreciar. Bebe o vinho aquele que não o conhece, que não o escolhe por razões afetivas, que simplesmente imita os apreciadores pensando que sentirá o mesmo prazer com as mesmas essências, que usa um rótulo como uma demonstração de superioridade.

Apreciar vinhos é como pegar onda, o surfista que pega onda corre o mundo atrás de novas experiências, para renovar sua fé, compartilhar suas histórias, ele para diante de seu desafio e imagina como será desfrutá-lo e tenta, sempre, achar a onda perfeita, sem se apegar a nenhuma delas.

Com o vinho, o que menos importa é o rótulo, aliás, assim como o surfista é infiel às ondas, o apreciador é infiel aos rótulos que mais apreciou, voltará para repetir a experiência, que certamente não será tão intensa como fora da primeira, mas que suprirá algum desejo nostálgico.

Ondas perfeitas são raríssimas, ocorrem em poucos lugares e em períodos específicos e não são perfeitas para todos, vinhos perfeitos também, a raridade da qualidade não depende somente do esmero do produtor, mas das condições próprias que a mãe natureza proporciona e que alteram as qualidades das uvas. Obviamente, que alguns produtores de rótulos famosos pela excelência na arte da vinificação conseguem manter uma regularidade de padrão, mas mesmo eles, dependem que a mãe natureza colabore para boas safras de uva.

Vinhos perfeitos são raros, porque raramente ocorrem safras magníficas, quando isso ocorre, muitos apaixonados pelo prazer que esta raridade proporciona disputam as poucas garrafas e, assim, seu valor muitas vezes ultrapassa o razoável, contudo, privilegiados serão aqueles que as terão, pois desfrutarão do prazer que buscam incessantemente, desafortunados os que as desejarem, mas não tiverem as condições para possuí-las e amaldiçoados sejam aqueles que as possuírem e nunca os

atirarem à taça, assim como um surfista que fica à beira da praia apenas contemplando a obra divina e não se atira ao mar.

A **JANELA ECONÔMICA** é um espaço de divulgação das idéias e produção científica dos professores, alunos e ex-alunos do Curso de Economia das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

- Cada artigo é de responsabilidade dos autores e as ideias nele inseridos, não necessariamente, refletem o pensamento do curso.

- O objetivo deste espaço é mostrar a importância da formação do economista na sociedade.